



## AS MULHERES NEGRAS NA HISTORIOGRAFIA:

### Revisão Historiográfica

Emanuelle Freitas <sup>1</sup>

#### Resumo

Revisão bibliográfica acerca da historiografia sobre mulheres negras no Brasil, que busca demonstrar de que forma essas personagens foram sendo inseridas na análise do discurso historiográfico e como aspectos relacionados à mobilidade social e acúmulo de patrimônio foram sendo abordados ao longo da historiografia. Pretendemos dar ênfase ao protagonismo dessas mulheres na condução de suas próprias trajetórias. Além da revisão historiográfica esta pesquisa se norteará também a partir de análises e descrição de inventários e testamentos que foram transcritos ao longo da iniciação científica e que darão respaldo as possíveis conclusões. Ressalto que, os testamentos e inventários constituem importante fonte para compreensão das condições que possibilitaram mobilidade social bem como revelam aspectos da vida cotidiana dessas mulheres. Por fim, contestamos a noção de pobreza por muito tempo difundida pela historiografia tradicional e também procuramos desconstruir o imaginário que atribuiu a ascensão econômica dessas mulheres tão somente às relações de amáσιο ou concubinato com homens brancos.

**Palavras-chave:** escravidão, mobilidade social, mulheres forras, sociedade colonial.

#### Introdução

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo uma revisão historiográfica analisando o modo como as mulheres negras foram sendo trabalhadas pela historiografia da escravidão perpassando desde a década de 30 com obras clássicas como a do sociólogo Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala (FREYRE, 2003) até os anos 1980 momento que acontece uma expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil e que se destacam autores que dão ênfase à atividade de libertos e escravos na manutenção de suas trajetórias, como, Katia Mattoso, Sheilla Faria, Eduardo França Paiva, Silvia Lara, Sidney Chalhoub, Junia Furtado, entre outros. Buscaremos através desta análise demonstrar que as relações sociais no Brasil Colonial eram estabelecidas de forma fluídas, múltiplas e heterogêneas. Com a inserção da mulher negra no seio da análise estaremos a todo o momento analisando através de trajetórias específicas o modo pelo qual essas mulheres romperam com os limites estabelecidos pela sociedade da época e encontraram formas e dinâmicas de gerir suas vidas.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de História do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Apoio financeiro CNPQ.

Uma das mulheres escolhidas para ser analisada foi a emblemática Chica da Silva, afirmo que, a escolha de personagens para desenvolvimento da pesquisa histórica parte de um método que considera a cientificidade da disciplina. A escolha dessa personagem está diretamente ligada à metodologia aplicada ao desenvolvimento dessa pesquisa, que foi a História Comparada.

### **Material e métodos**

Com auxílio de cursos de Paleografia realizados durante a vigência da pesquisa foram transcritos 13 inventários de mulheres negras que a todo o momento teve suas posses e seus bens declarados na região de Santa Isabel do Paraguassú, atual Mucugê, Bahia no século XIX. O trabalho com fontes primárias, como os testamentos e inventários permite-nos uma análise que vai muito além de aspectos relacionados à vida do morto, mas que utilizados principalmente de forma serial nos possibilita destacar características de uma sociedade. Através dessas transcrições podemos notar os companheiros, filhos, afilhados e sobrinhos dessas mulheres dispendo de bens deixados por elas. A partir das interpretações e análises sobre esses documentos constatamos que o fato dessas mulheres deixarem bens, sobretudo para sua prole ou familiares mais próximos, significa claramente, o processo de mobilidade geracional (FERREIRA, 2008) que norteará o rumo da nossa análise, mobilidade, é aqui entendida como uma discussão que estava para além da categoria jurídica, tratando-se de um movimento gradativo e geracional que tinha por objetivo o apagamento do passado escravo e se processava no âmbito familiar.

Trabalhar a partir da metodologia da História Comparada significa analisar dois ou mais objetos e observá-los de acordo com suas historicidades e sua temporalidade não existe uma busca de igualdade entre os objetos ou elementos comparados, mas uma reflexão sobre os diferentes e as diferenças (PAIVA, 2009). Ademais essa metodologia na qual a pesquisa encontra-se fundamentada permite-nos observar através do exercício de comparação tanto as trajetórias das mulheres citadas anteriormente, quanto o próprio modelo de análise historiográfico que resultou em obras, discursos e afirmações sobre essas mulheres ao longo da história.

### **Resultados e discussão**

Podemos perceber através dos casos analisados, diferentes estratégias encontradas por essas mulheres para acumular pecúlio, seja através do concubinato, das relações tidas como ilícitas, dos filhos ilegítimos, arrematação de contratos, financiamento de alforrias, atravessando caminhos, e através do comércio, não podemos negar que a prostituição também era uma prática de acúmulo de pecúlio, no entanto, mais uma dentre as demais aqui referidas. O que buscamos é que essas práticas de sobrevivência e gestão das trajetórias alcancem os discursos historiográficos com ênfase nas atividades dessas mulheres.

Os inventários transcritos foram tabelados, de modo que nos possibilita contestar a noção de pobreza que há muito tempo foi difundida pela historiografia sobre essas mulheres. Abaixo segue algumas tabelas que foram realizadas a partir da análise dos inventários, e que, comprovam a posse de jóias e terras por essas mulheres.

Tabela de Joias por disposição dos tipos:

Inventariantes	Argolas/Colares	Anéis	Rosários	Outros	Valores
Anna Angélica Pereira Dutra	2	2	2	2	48.766
Perpetua Teles Barbosa de São José	2	—	—	2	—
Francisca Ignacia da Gloria	4	6	—	—	24.000
Mariana de Sousa	3	—	2	3	102.000
Maria Victoria Duarte	2	—	—	—	—
Maria M. de Novaes Rocha	2	—	—	—	—
<b>Total</b>	46,15%				

Tabela de Terras:

Proprietárias Inventariantes	Terras	Valores	Casas	Valores	TOTAL
Anna Angélica Pereira Dutra	—	—	—	—	0
Roza Lima dos Santos	1	800.000	1	800.000*	800.000
Senhorinha Teixeira de Araújo	—	—	—	—	0
Perpétua Teles Barbosa S. J.	—	—	1	—	**
Martinha Libania	—	—	1	100.000	100.000
Josepha Maria Cardoso	1	40.000	—	—	400.000
Francisca Ignacia da Gloria	—	—	2	600.000	600.000
Mariana de Sousa	1	200.000	—	—	200.000
Maria Vitoria Duarte	—	—	1	—	**
Rita Sophia da Costa	3	2:516.000	2	550.000	3:066.000
Francisca M. do Espírito Santo	2	110.000	—	—	110.000
Maria Magdalena do E. S.	1	180.000	1	1:000.000	1:180.000
Maria Magdalena Novaes Rocha	8	26:700.000	—	—	26:700.000
<b>PERCENTUAL</b>	53,84%		53,84%		

## **Conclusão**

Espero ter conseguido ampliar a compreensão do leitor sobre a forma que a temática da escravidão foi trabalhada ao longo da escrita da história. Nossa ênfase na mulher negra, sobretudo, parte da necessidade de atribuir voz a esses sujeitos na produção historiográfica, bem como desmitificar alguns mitos em torno dessa figura que por vezes tem toda sua atividade social desconsiderada, e que com auxílio do senso comum e da historiografia tradicional fizeram ecoar com muita ênfase aspectos tão somente relacionados à sua sensualidade. Destaco que a escrita da história é um campo de disputa de poder que em determinados momentos é marcada pelo pragmatismo político, por versões estereotipadas, mitos e juízos de valor. Por mais difícil que seja para o historiador devemos ao máximo testar nossa capacidade de relativização historiográfica, e entender as multiplicidades e dinamismos dentro das relações, atentando-nos ao que os agentes analisados têm a dizer sobre eles próprios. Para se compreender a escravidão no Brasil devem-se estar aberto às discussões que consideram a multiplicidade do fenômeno, suas particularidades e dinâmicas ao longo do tempo e espaço que compreendeu do século XVI ao XIX, para isso, atualmente, graças à terceira geração dos Annales, bem como os avanços na historiografia da escravidão pós década de 80 podemos desenvolver pesquisas mais amplas, atentas a fatores não somente econômicos, mas, sobretudo mentais e sociais norteadas, mormente pela multiplicidade de fontes.



Meus agradecimentos ao CNPQ pelo financiamento da pesquisa que em muito contribuiu no meu aprofundamento sobre o tema, e instigou no prosseguimento dos meus estudos.

## Referências bibliográficas

1. ALVES, Adriana Dantas Reis. *As mulheres negras por cima o caso de Luzia jeje: Escravidão, família e mobilidade social – Bahia, c. 1780 – c. 1830*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Curso de História, Niterói, 2010.
2. CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus Editora, (1997) 2011.
3. FARIA, Sheilla. “*Sinhás pretas, damas mercadoras*”: As pretas forras nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700 a 1850)” 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
4. FERREIRA, Roberto Guedes. *Estratégias de Mobilidade Social em Sociedades Escravistas*. Uma análise comparada (Porto Feliz/São Paulo/Brasil e Torbee/São Domingos, séc. XVIII e XIX). Fronteiras, Dourados, MS, vol. 10 nº 18, 2008.
5. FIGUEIREDO, Luciano (1993). *O avesso da Memória: Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Brasília, DF: Edunb; Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
6. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal*. 48ª edição. São Paulo: Global, 2003.
7. FURTADO, Junia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes. O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
8. LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução de Eduardo Brandão – São Paulo: Martins Fontes, 1990.
9. MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
10. IVO, Isnara Pereira. *Homens de caminho: Trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII*. UESB, 2012.
11. PAIVA, Eduardo. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
12. PAIVA, Eduardo. *Por uma história cultural da escravidão, da presença africana e das mestiçagens*. Revista de História e Estudos Culturais. Fênix, vol.6, nº3, 2009.
13. PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regia.(org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009